

O Princípio e o Fim de uma Era

Poucas figuras políticas desencadearam tantas paixões. Ninguém põe em causa o facto inquestionável de que Margaret Thatcher faz parte daquele número muito reduzido de líderes que conseguem mudar o estado das coisas no mundo. Não o fez sozinha.

Com Ronald Reagan, é co-autora de uma profunda revolução ideológica – a “revolução conservadora” – que transformou para sempre o pensamento político que predominava nas democracias ocidentais desde o pós-guerra. Fechou as portas a Keynes, abriu-as a Hayek. Quando chegou ao poder, contrariando todas as expectativas, o seu programa político assentava em duas ou três ideias simples que “qualquer boa dona de casa conseguiria compreender”. Retirar o Estado da economia e da vida das pessoas, deixar os mercados funcionar livremente e cada um assumir a responsabilidade pelo seu próprio destino. Foi ela que disse que “não existe essa coisa a que chamamos sociedade”. “Há indivíduos, homens e mulheres, e as suas famílias.” Ganhou o Partido Conservador (1975) e as eleições legislativas (1979) quando as condições políticas e sociais no seu país estavam mais do que maduras para que a sua mensagem radical fosse facilmente aceite. O Reino Unido vivia o seu “Inverno do Descontentamento”. Sofrera a semana de três dias, a humilhação de uma intervenção do FMI, uma inflação galopante, transformando-se no “homem doente da Europa”. Os serviços não funcionavam. Os sindicatos man-



POR
**Teresa
de Sousa**

Jornalista do diário
Público

davam. Os choques petrolíferos de 73 e de 79 terminaram bruscamente com os “trinta gloriosos anos” de crescimento económico. A Grã-Bretanha aceitava sem luta a sua própria decadência.

Do outro lado do Atlântico, o Presidente Carter simbolizava, justa ou injustamente, a fraqueza interna e externa dos Estados Unidos, depois da derrota do Vietname e dos escândalos do Watergate. Os dois países estavam preparados para a revolução que dois líderes inesperados – um “cowboy” de filmes de série B e a “filha do merceiro” – haviam de desencadear.

Nem todos os seus objectivos foram realizados. Recuou muitas vezes. Privatizou os grandes monopólios estatais. Deixou encerrar boa parte da grande indústria britânica que já não era competitiva. Deu todas as oportunidades à City. Quis fazer de cada britânico um proprietário – das casas dos condados que mandou vender e das acções das empresas que privatizou. Chamou-lhe

“capitalismo popular”. “Acreditava que o Estado se tinha tornado num peso para as empresas e que o seu custo estava a afectar negativamente a economia e a sobrecarregá-la com dívida”, escreve o Guardian. Baixou drasticamente os impostos (que estavam na estratosfera). Cortou as despesas do Estado. “Combateu o que considerava serem os interesses instalados, sobretudo nos sindicatos e nas indústrias nacionais como o carvão, o aço, as telecomunicações.” Os seus detractores acusam-na de ter destruído parte da base industrial britânica e de ter aumentando brutalmente as desigualdades.

“Uma das razões do seu sucesso foi que ela sempre soube que era avisado descer do combóio antes de embater na estação”, diz Chris Patten, político conservador se afastou dela em muitas ocasiões. “Não privatizou os caminhos-de-ferro, não desmantelou o Serviço Nacional de Saúde, assinou o Acto Único Europeu. Não enfrentou os mineiros até estar em condições de derrotá-los. E até tentou trazer as fantasias de Ronald Reagan sobre a guerra das estrelas de volta à Terra”. Restituiu ao seu país a sua pujança e a sua influência no mundo e abriu caminho a quase duas décadas de sucesso económico. O seu grande objectivo era contrariar o “declínio controlado” do Reino Unido. E isso, pouca gente pode negar que conseguiu.

O resultado foi uma mudança radical na forma como os britânicos viam a economia e a sociedade. Tony Blair encarregou-se de fazer a prova irrefutável desta transformação ao operar outra revolução na forma de pensar do Labour. A sua “terceira via” parte da herança de Thatcher para adaptar o centro-esquerda aos mercados e à globalização. A sua fórmula havia de atravessar o Canal e influenciar os partidos de centro-esquerda europeus, de Berlim até Lisboa. “Somos todos filhos de Thatcher, os vinte anos seguintes à sua queda comprovaram-no. Blair teve de levar o Labour até ao mundo que ela criara”, diz Andrew Marr, analista da BBC.

Foi também a maior aliada de Ronald Reagan para acelerar a implosão do império soviético e o fim da guerra fria. Tal como o Presidente americano, dividia o mundo entre “bons” e “maus”. O impé-



rio soviético era a encarnação do mal. Em 1986, coube ao Pravda chamar-lhe pela primeira vez “Dama de Ferro”. Percebeu Gorbatchov quando o último líder soviético era apenas mais uma figura da direcção do Partido Comunista. Convidou-o a visitar o Reino Unido em 1984. Chamou a atenção de Reagan: “Com ele é possível negociar”. Visitou a Hungria e a Polónia para incentivar a abertura dos regimes. Dizia sempre o que pensava. Transformou-se na heroína dos países da Europa de Leste que se libertavam do domínio soviético. Acreditou até ao fim que Gorbatchov impedisse a concretização do seu principal pesadelo: a unificação da Alemanha. Mas o sucessor de Reagan, George Bush, tinha outra estratégia: integrar a Alemanha unificada na União Europeia e na NATO. François Mitterrand, que começou por concordar com ela, apercebeu-se a tempo de que não era esse o sentido da História que se estava a escrever na Europa. Abandonou-a a meio do percurso, deixando-a isolada na sua obstinação.

“O que interessa é o poder e o poder são os Estados”, era a sua filosofia política para o mundo. Isso e a sua luta ideológica sem tréguas contra o comunismo



o seu programa político assentava em duas ou três ideias simples que “qualquer boa dona de casa conseguiria compreender”. Retirar o Estado da economia e da vida das pessoas, deixar os mercados funcionar livremente e cada um assumir a responsabilidade pelo seu próprio destino

levaram-na a alguns passos em falso. Protegeu o antigo ditador chileno Augusto Pinochet. Teve o desprazer de lhe oferecer uma salva de prata “herdada” da Invencível Armada. Ainda viveu a guerra mas nunca compreendeu a Europa. “Não conseguimos fazer recuar as fronteiras do Estado na Grã-Bretanha apenas para as ver regressar ao nível europeu, com um superestado europeu, exercendo o seu poder a partir de Bruxelas”. Chegou a Downing Street com o objectivo de reduzir a contribuição britânica para o orçamento comunitário. “I want my money back”. Passou cinco anos a lutar por isso. Não conseguiu compreender que a queda do Muro iria acelerar a integração europeia. Foi essa incompreensão que acelerou a sua própria derrota. Quando, em 1990, numa cimeira em Roma, os líderes europeus decidiram as bases da União Económica e Monetária, ficou sozinha com as suas certezas. Foi, em boa medida, a Europa que a derrotou.

Afastada da vida pública, não se terá dado conta de que a era que inaugurou chegou também ao seu fim. Trinta anos depois. ■

In «Público», 9 de Abril de 2013